UMA PRESENÇA EFETIVA

JULIO CEZAR MELATTI
Universidade de Brasília

Estar *presente* me parece a maneira mais adequada e breve de caracterizar a atuação de Roque Laraia na Antropologia. Não quero dizer presente no sentido meramente físico, mas sim no de estar envolvido em tudo aquilo que é de interesse dos antropólogos, especialmente os de nosso País.

Presente em sala de aula. Desde sua colaboração docente no então recém-criado Programa de Mestrado em Antropologia do Museu Nacional, passando depois para a Universidade de Brasília, Roque Laraia nunca se furtou à difícil, mas também gratificante, tarefa de dar aulas, desde as turmas de introdução até as de pós-graduação. Mesmo após sua aposentadoria, continua a prestar sua colaboração na oferta de disciplinas do Departamento de Antropologia.

Além de seu trabalho docente na Universidade de Brasília, desde 1969, onde oferece sobretudo disciplinas referentes a organização social, parentesco, ritos, etnologia indígena, história da Antropologia, Roque Laraia também tem sido convidado para o exercício docente em outras instituições, seja em períodos mais longos, como professor-visitante (Museu Nacional, em 1986; Universidade Federal do Paraná, em 1992), seja em mais breves, geralmente em cursos de especialização: Métodos e Técnicas em Antropologia Social (FFCL de Marília, em 1966), Introdução à Antropologia Social (UF de Santa Catarina, em 1968, e, para economistas e sociólogos, na UF da Paraíba, também em 1968), Cultura Brasileira (Festival de Inverno de Ouro Preto, em 1975), Escola Cultural (UF de Pelotas, em 1979), Antropologia para Arqueólogos (UFMG, em 1980), Capacitação Ecológica (UNESCO, em Iquitos, em 1982), Antropologia Visual (CAPES e Universi-

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

dade Católica de Goiás, em 1983), Antropologia (Museu Antropológico da UF de Goiás, em 1985), Planejamento e Administração de Políticas Culturais (Ministério da Cultura e UF de Ouro Preto, em 1986), Organização Social e Parentesco (Universidade Católica de Goiás, 1989).

Presente através de seus textos. Já em 1969, após um estágio no Laboratory of Social Relations em Harvard (1965-66), reuniu traduções de artigos sobre parentesco, de Kroeber, Rivers, Hocart, Radcliffe-Brown, Leach e Lévi-Strauss no volume *Organização Social*, que durante muito tempo foi de grande valia nos cursos universitários. Depois, em 1986, veio *Cultura — Um Conceito Antropológico*, tão procurado que não tardará a alcançar sua 10ª edição. E agora, em 1993, *Los Indios de Brasil*, volume de uma coleção espanhola, comemorativa do 5º centenário da expedição de Colombo, que se espera seja logo traduzido para o português e divulgado em nosso País. Contribuiu também em obras coletivas como seus verbetes sobre a organização social dos indígenas brasileiros na *Grande Enciclopédia Delta Larousse* e sobre a teoria da descendência no Dicionário de Ciências Sociais (1986).

Até aqui me referi a seus trabalhos intencionalmente didáticos. Porém, seu estilo claro, simples, direto, conciso, torna didáticos até mesmo seus textos mais acadêmicos. É o caso de sua análise da situação de contato dos suruís e acuauas no volume *Índios e Castanheiros*, que publicou em 1967 com Roberto DaMatta, os artigos sobre homem marginal e arranjos poliândricos referentes aos mesmos suruís da vertente ocidental do Tocantins ou sobre o mito de Sol e Lua na região do Xingu, para ficar em alguns exemplos.

Mas o sucesso de seus textos não se deve somente a qualidades do estilo. Parece-me que Laraia tem um certo pendor para expor suas idéias através da análise de exemplos radicais. Que há de melhor para discutir a marginalidade num meio social bem diferente do leitor do que tomar o caso do jovem que se recusou a se submeter ao indispensável rito de furar o lábio inferior? Ou que há de mais ilustrativo dos efeitos do contato sobre a organização social de um grupo indígena do que apontar o recurso à poliandria para fazer face à redução e desequilíbrio demográfico? Que há de mais adequado para mostrar a amplitude do espectro da diversidade cultural do que apontar os diferentes sistemas matrimoniais de duas sociedades da

mesma família lingüística vizinhas e que também reagem diferencialmente ao contato interétnico? No seu livro *Cultura*, exemplos igualmente drásticos mostram como a herança cultural é a explicação de certos padrões de comportamento que o senso comum geralmente toma como instintivos.

Um dos seus textos que mais interesse desperta nos alunos que se iniciam na Antropologia nas disciplinas da Universidade de Brasília é a análise do chá-de-panela. Primeiro, porque lhes mostra a pesquisa a se realizar junto a acontecimentos que se repetem no próprio dia-a-dia e em sua própria cidade. Depois, por ser um tema estratégico para mostrar tanto a mudança, pela procura decrescente do rito religioso e civil do casamento em favor do mais espontâneo chá-de-panela, como a persistência de uma ideologia conservadora quanto ao papel da mulher no casamento. Além disso, dá oportunidade aos leitores de repararem que o próprio chá-de-panela tem passado por mudanças desde a época em que o artigo foi escrito até o momento em que está sendo lido. Finalmente, os estudantes se sentem encorajados ao trabalho de pesquisa, uma vez que o artigo tem como co-autora Maria Zaira Batista de Mello, que era então aluna de graduação e que, por imposição das peculiaridades do rito, foi quem fez a observação participante.

Também se pode considerar como um texto digno de menção o roteiro e narração que preparou para o filme *Jornada Kamayurá*, de Heinz Forthmann, patrocinado pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) em 1966.

Presente na pesquisa. A pesquisa de campo de Roque Laraia não segue o padrão canônico. Não é a longa pesquisa sobre uma única sociedade de modo a produzir um tal acervo de dados a ponto de ocuparem o pesquisador em sua elaboração e análise pelo resto da vida. Fez pesquisas mais curtas, mas sobre um número maior de sociedades, todas tupis — suruí, acuaua, camaiurá, caapor. Realizadas nos anos Sessenta, essas pesquisas produziram parte dos dados que lhe permitiram escrever o livro *Tupí — Índios do Brasil Atual*, que foi sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo. O texto tem como núcleo a análise e comparação dos sistemas de parentesco tupis, tarefa para a qual teve de contar também com a bibliografia então existente sobre os grupos desse tronco lingüístico. Assim , numa época em que quase todos os que se iniciavam na carreira etnológica no Brasil voltavam-se preferencialmente para as sociedades jês,

Roque Laraia mantinha aceso o interesse pelos tupis, ordenando o que se sabia sobre eles, sobretudo quanto à organização social.

Ainda no que tange aos tupis, vale lembrar que Laraia foi pioneiro no Brasil em trabalho interdisciplinar de etnologia com arqueologia, ao colaborar com Maria da Conceição Morais Beltrão numa interessante pesquisa sobre as aldeias tupis da baía de Guanabara.

Mas nem só para os tupi esteve voltado. Realizou também trabalho de campo entre os xerentes, coletando dados sobre o contato interétnico para David Maybury-Lewis, da Universidade de Harvard, pesquisador que então trabalhava intimamente ligado ao Museu Nacional na direção do seu projeto sobre as sociedades indígenas do Brasil Central e que desejava dar sua contribuição ao projeto que se desenvolvia paralelamente, de fricção interétnica, de Roberto Cardoso de Oliveira. Entretanto, os dados colhidos junto aos xerentes e a sociedade regional envolvente ainda não foram devidamente divulgados.

Também lidou com o tema da migração de índios para a cidade e etnicidade no meio urbano. Nessa temática já se incluía sua primeira experiência de campo, ainda como aluno do Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, no Museu Nacional, em 1960, que foi a participação, junto com os cinco outros alunos do mesmo curso, entre os quais se contavam Alcida Rita Ramos, Roberto DaMatta e Edson Diniz, na pesquisa de campo de Roberto Cardoso de Oliveira, professor do curso, junto aos terenas. Os resultados desse treinamento em pesquisa de campo foram incorporados no livro do professor orientador e responsável pelo projeto, *Urbanização e Tribalismo*, aliás sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo. Mais recentemente, nos inícios dos anos Oitenta, também colaborando em projeto de Roberto Cardoso de Oliveira, Laraia realizou *surveys* sobre a presença de índios nas cidades de Manaus e Belém.

Era procedimento comum no Museu Nacional dos anos Sessenta um pesquisador experiente fazer-se acompanhar por um iniciante para a pesquisa de campo, à guisa de treinamento. Assim, Roque Laraia levou o falecido Marcos Magalhães Rubinger como auxiliar em sua primeira visita aos suruís, em 1961, e posteriormente conduziu Otávio Guilherme Velho até São Domingos das Latas (hoje São Domingos do Araguaia), povoado camponês que ficava no caminho da aldeia suruí.

Além da pesquisa sobre a percepção de doenças no sertão baiano, em Santa Maria da Vitória, Roque Laraia também orientou, na Universidade de Brasília, algumas dissertações de mestrado sobre temas relativos à saúde. Aliás, mais da metade das dissertações e teses que orientou se referem a temas não-indígenas.

Também ocupou posições que lhe permitiam atuar no sentido de estimular e avaliar as pesquisas em realização no Brasil, como Coordenador da Comissão da SBPC para examinar a legislação sobre expedições científicas (1989), membro da Comissão de Bolsas da ANPOCS (1989-91), Presidente do Comitê de Consultores de Antropologia, Filosofia e Serviço Social da CAPES (1979-80), membro do Conselho de Assessores do CNPq, Antropologia (1982-83), Presidente do Comitê de Ciências Sociais do CNPq (1984-85). Desse modo, fez o balanço das pesquisas de Antropologia realizadas no Brasil no volume de 1983 de *Avaliação & Perspectivas*. Sem contar os inúmeros pareceres sobre projetos de pesquisa submetidos ao CNPq como consultor *ad hoc* e do apoio que deu a vários pesquisadores estrangeiros ligados a instituições idôneas e com projetos relevantes, seja informalmente, seja na figura de "contato brasileiro" junto ao CNPq. Tal apoio não raro incluiu receber o pesquisador no aeroporto, ajudar a desembaraçar suas bagagens na alfândega, procurar-lhe alojamento, apresentá-lo a autoridades e a outros pesquisadores, indicar-lhe linhas de ônibus, lojas onde comprar mais barato, enfim, ambientá-lo na cidade que seria a base ou ponto de partida para suas atividades.

Na qualidade de membro do Conselho Superior da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal, a partir de 1993, Roque Laraia pode continuar a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Presente nas associações científicas. Como membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Roque Laraia fez parte do Conselho Científico (1976-80), foi Secretário Geral (1982-84), Diretor (1988-90) e Presidente (1990-92).

Foi também Diretor da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), no biênio 1984-86.

Além disso, é sócio de outras entidades nacionais e estrangeiras, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Sociedade Brasileira de Sociologia, Current Anthropology Association, American Anthro-

pological Association, New York Academy of Sciences, sendo atualmente o Vice-Presidente da Associação Latinoamericana de Antropologia, para o quatriênio 1993-97.

Sobretudo nas associações nacionais, tem sido um assíduo participante de suas reuniões científicas.

Presente no apoio às minorias. Quem, como Roque Laraia, vem a ocupar funções na diretoria da ABA, acaba obrigatoriamente envolvido na defesa de direitos das minorias estudadas pelos antropólogos, principalmente as indígenas. Ele não somente dedicou-se a essas questões como sócio da ABA, mas também como membro de outros colegiados como o Conselho Diretor da FUNAI, na qualidade de suplente e representante do CNPq (1968-69); como membro do Conselho Indigenista, também da FUNAI (1975-82). Como professor da Universidade de Brasília, através de convênio com a FUNAI, ensinou Etnologia em mais de um dos cursos para formação de chefes de postos indígenas na década de Setenta.

Além das publicações decorrentes de suas pesquisas de campo sobre o contacto interétnico, textos como "Racism and Tribal Populations", "New Trends in Brazilian Indian Affairs", "O Índio e o Estado" demonstram uma contínua preocupação com essas questões.

Como membro do Conselho Nacional de Imigração, representando a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a partir 1993, e, ainda, como membro do Conselho Consultivo da International Organization for the Elimination of All Forms of Racial Discrimination, com sede em Londres, pode continuar a atuar segundo os princípios que até aqui tem defendido.

Presente na administração universitária. Foi grande a contribuição de Roque Laraia na organização e funcionamento de vários setores da Universidade de Brasília. Foi Chefe do Departamento então chamado de Sociologia e Antropologia (1969), e mais tarde também Chefe do mesmo Departamento, então chamado de Ciências Sociais (1979-80); Diretor do Instituto de Ciências Humanas (1970-76); Coordenador do Campus Avançado Aragarças—Barra do Garças (1970-71); membro da Câmara de Ensino de Graduação (1972-76); representante das Congregações de Carreira dos Cursos do Instituto de Ciências Humanas no Conselho de Ensino e Pesquisa

(1979); membro da Câmara de Extensão (1981). E atualmente é membro do Conselho Editorial da Editora Universidade de Brasília.

Pelo seu desempenho na administração, no ensino e na pesquisa. e pela sua contribuição para com prestígio conquistado pela Universidade de Brasília, foi-lhe conferido o título de Professor Emérito, pelo Conselho Universitário, na sessão de 5 de agosto de 1992.

Presente no mundo. Roque Laraia, saindo de Pouso Alegre, foi viver em São Paulo, onde começou a trabalhar como repórter de *A Hora*. Depois, passou para Belo Horizonte, onde simultaneamente foi funcionário do IAPI, fez o bacharelado em História na UFMG, e morou em república de estudantes. Fez a licenciatura correspondente a esse curso junto com Roberto DaMatta, em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, quando ambos já eram pesquisadores do quadro do Museu Nacional. Toda essa experiência de vida, aliada ao gosto pela leitura de obras literárias nacionais e estrangeiras, o espírito sempre disponível para enfrentar qualquer viagem, o gosto no cultivar as relações com os colegas, os amigos, os vizinhos, a família e os parentes, fazem de Roque Laraia uma pessoa aberta, uma boa companhia, fácil de abordar, e por isso sempre lembrada por aqueles que, não fazendo parte do mundo dos antropólogos, precisam de algum contato, para uma palestra, uma opinião, uma informação.

Esse trabalho de ponte com a esfera exterior da profissão tem sido também uma de suas grandes contribuições. Por exemplo, atualmente tem sido freqüentemente procurado pelos técnicos do Ministério da Educação ocupados com a educação indígena. Tem participado também de uma comissão da Universidade de Brasília encarregada de planejar o museu na Universidade. É um dos temas em que está muito interessado, desde longa data. Já em 1975 fez um *survey* nos museus de França, Inglaterra e Itália a respeito do material etnográfico brasileiro neles existente. Infelizmente, a Universidade nunca chegou a dispor de recursos para a construção do museu. Mas faço votos que a contribuição de Roque Laraia neste sentido venha a se transformar em realidade.

Como também espero que Roque Laraia reúna um dia, num texto literário, os inúmeros casos que sempre tem para contar.

JULIO CEZAR MELATTI

TRABALHOS PUBLICADOS DE ROQUE DE BARROS LARAIA

1963. Arranjos Poliândricos na Sociedade Surui. *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 14: 71-76. São Paulo. Republicado em *Leituras de Etnologia Brasileira* (Egon Schaden, org.). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. Republicado em inglês: Polyandrous Adjustments in Suruí Society. *Native South Americans* (Patricia Lyon, org.). Boston: Little, Brown and Company, 1974.

1964. (Resenha de *Organização Social dos Tupinambás*, de Florestan Fernandes). *América Latina* 7 (3).

1965. A Fricção Interétnica no Médio Tocantins. *América Latina* 8 (2): 66-67. Rio de Janeiro.

1967. (Em co-autoria com Roberto DaMatta). *Índios e Castanheiros*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 2ª edição: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

1967. Gandavo e os Tupinambás. *Comentário* 8. Rio de Janeiro.

1967. O Homem Marginal numa Sociedade Primitiva. *Revista do Instituto de Ciências Sociais* 4 (1). Rio de Janeiro.

1967. O Sol e a Lua na Mitologia Xinguana. *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 18. São Paulo. Republicado em *Actas y Memórias, XXXVII Congresso Internacional de Americanistas, República Argentina*. Vol. 3. Buenos Aires. pp. 75-93. Republicado também em *Mito e a Linguagem Social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

1968. (Resenha de *Indígenas de Minas Gerais*, de Oilian José, Belo Horizonte). *Comentário* 9 (1). Rio de Janeiro.

1969. (Resenha de *Indians of Brazil in Twentieth Century*, organizado por Janice Hopper, Washington, 1967). *Inter-American Review of Bibliography* 19 (45): 66-69. Washington.

1969. (Seleção, organização e introdução). *Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar.

1970. "Organização Social dos Indígenas Brasileiros".In *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta.

1971. (Comentário ao artigo "Some Formal Aspect as a Kinship System", de Heirinch e Anderson). *Current Anthropology* 12 (4/5).

1971. (Em co-autoria com Maria da Conceição Morais Beltrão). O Método Arqueológico e a Interpretação Etnológica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 17. Rio de Janeiro [1969].

1972. Akuáwa-Asurini e Suruí: Análise Comparativa de dois Grupos Tupi. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 12. São Paulo.

1972. Concepções Referentes à Vida e à Morte entre Povos Primitivos. *Jornal de Pediatria* 37 (5/6). Rio de Janeiro.

1973. (Comentário ao artigo "Social Anthropology in the Political Study of New Nations States", de T.V. Sathyamusthy). *Current Anthropology* 14 (4).

1975. Integração e Utopia. *Revista de Vozes de Cultura*. Ano 70, nº 3. Petrópolis.

1975. Xamã — Os Poderes do Homem que Domina o Sobrenatural. *Informativo FUNAI*, ano IV, nº 14: 78-82. Brasília.

1978. (Comentário ao artigo "A Importância das Assembléias Indígenas para os Estudos Brasileiros", do Pe. Eduardo Hoornaert). *Religião e Sociedade* 3: 201-203. São Paulo e Rio de Janeiro: CER.

1978. De como uma Tribo Cativou um Antropólogo (Resenha de *Welcome of Tears — The Tapirapé Indians of Central Brazil*, de Charles Wagley; New York: Oxford University Press, 1977). *Anuário Antropológico/77*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 203-208.

1978. O Desenvolvimento da Antropologia Social no Brasil. Em *Ciências Sociais Hoje*. Salvador: Associação Nacional dos Cientistas Sociais e Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia.

1979. Relações entre Negros e Brancos no Brasil". *BIB* 7 (suplemento da revista *Dados* 21): 11-21. Rio de Janeiro.

1980. (Em co-autoria com Maria Zaira de BATISTA DE MELLO). Chá-de-Panela, Análise de um Rito Social Feminino. *Anuário Antropológico/78*: 140-155. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

1982. Lideranças Indígenas acima e abaixo do Equador (Resenha de *American Indians Leaders — Studies in Diversity*; Lincoln: University of Nebraska Press, 1980). *Anuário Antropológico/80*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará.

1983. "Antropologia". In *Avaliação & Perspectivas* Brasília: SEPLAN e CNPq.

1983. "Importância do Índio na Vida e na Identidade do Brasileiro". In *Palestras e Debates sobre o Índio Brasileiro*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

1983. "Racism and Tribal Populations". In *Proceedings of the Symposium on Ethnic Groups & Racism*. Londres: EAFORD.

1984. Histórias ainda não Contadas (Resenha de *Waimiri-Atroari — A História que ainda não foi Contada*; Brasília: edição do autor, 1982). *Anuário Antropológico/82*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará.

1984/85. Uma Etno-história Tupi. *Revista de Antropologia* 27/28: 25-32. São Paulo.

1985. "New Trends in Brazilian Indian Affairs". Londres: EAFORD. Publicado também como: Novas Tendências no Indigenismo Brasileiro. *Anuário Antropológico/83*: 245-253. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

1985. "O Índio e o Estado". In *Sociedades Indígenas e o Direito: Uma Questão de Direitos Humanos — Ensaios* (Sílvio Coelho dos Santos *et alii*, orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC, Brasília: CNPq. pp. 61-66.

1986. "Descendência, Teoria da". In *Dicionário de Ciências Sociais* (Benedicto Silva, coord. geral). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Brasília: MEC — Fundação de Assistência ao Estudante. pp. 325-326.

1986. *Cultura — Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2ª edição: 1987; 3ª e 4ª edição, 1988; 5ª edição: 1991; 6ª edição: 1992; 7ª edição: 1993.

1986. O Reencontro com as Populações Indígenas (Resenha da *Suma Etnológica Brasileira*, organizada por Darcy Ribeiro *et alii*; 3 vols. publicados; Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: FINEP e FAPERJ, Belém: FADESP). *Ciência Hoje* 5 (25): 86-87. Rio de Janeiro: SBPC.

1987. Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento. *Série Antropologia* 60. Brasília: UnB — IH — Departamento de Antropologia.

1987. Os Estudos de Parentesco no Brasil. *BIB* 23. Rio de Janeiro.

1987. *Tupi — Índios do Brasil Atual*. São Paulo: USP — FFLCH.

1988. "Apresentação". In *O Mundo dos Mehináku e suas Representações Visuais* (Maria Heloisa Fénelon Costa). Brasília: Editora Universidade de Brasília e CNPq, Rio de Janeiro: Editora UFRJ. pp. 9-10.

1988. As Mortes de Nimuendaju. *Ciência Hoje* 8 (44).

1988. Deuses, Canibais e Antropólogos (Resenha de *Araweté — Os Deuses Canibais* de Eduardo Viveiros de Castro; Rio de Janeiro: Jorge Zahar e ANPOCS, 1986). *Anuário Antropológico*/86: 199-205. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

1988. Identidade e Etnia (Resenha de *Identidade e Etnia*, de Carlos Rodrigues Brandão; São Paulo: Brasiliense, 1986). *Anuário Antropológico*/86: 207-212. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

1988. O Movimento Constante do Povoamento Indígena do Brasil. *Humanidades* 18: 104-109. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

1989. "El Fin de los Descubrimientos". In *A los 500 Anos del Choque de dos Mundos* (Adolfo Colombres, org.). Buenos Aires: Ediciones del Sol.

1990. "Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento". In *A Antropología na América Latina* (George de Cerqueira Leite Zarur, org.). México: Instituto Panamericano de Geografia e História.

1990. Autoridade e Afeto: A Conjugação de Velhos e Novos Papéis (Resenha de *Autoridade & Afeto — Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira*, de Myriam Lins de Barros; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987). *Anuário Antropológico*/87: 225-229. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

1990. Cultura Brasileira. *Série Antropologia* 88. Brasília: UnB — IH — Departamento de Antropologia.

1991. "Ensino das Ciências Sociais, Hoje". In *As assim Chamadas Ciências Sociais* (Helena Bomeny & Patricia Birman, orgs.).Rio de Janeiro: Relume Dumará e UERJ. pp.57-63.

1991. "O conceito Antropológico de Cultura". In *Cultura e Evangelização* (Paulo Suess, org.). São Paulo: Loyola. pp. 13-20.

1992. "La Guerra nelle Societá Indigene". In *Due "Mondi" a Confronto* (Aurélio Rigoli, org.). Gênova: Colombo. pp. 203-210.

1993. Jardim do Éden Revisitado. *Série Antropologia* 156. Brasília: UnB — IH — Departamento de Antropologia.

1993. Ética e Antropologia — Algumas Questões. *Série Antropologia* 157. Brasília: UnB — IH — Departamento de Antropologia.

1993. *Los Indios de Brasil*. Madrid: Mapfre.